



i 13-08-2009	Periodicidade:	Diária	Temática:	Economia
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	582
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/PB
	Tiragem:	80000	Página (s):	19

Já temos bolsas? Ainda não. É melhor esperar que acabe o sobe e desce

Vai ser preciso esperar entre seis meses a um ano pela consolidação dos mercados

Petróleo é exemplo de como os mercados ainda reflectem mal a realidade

NUNO AGUIAR
nuno.aguiar@ionline.pt
LUÍS REIS RIBEIRO
luis.ribeiro@ionline.pt

As fortes subidas das bolsas registadas nas últimas semanas têm deixado muitos investidores com água na boca. Nas praças internacionais, a tendência de subida das acções dura há quatro semanas consecutivas, mas o melhor é não abrir já as garrafas de champanhe, dizem vários economistas ouvidos pelo *i*. Os mercados estão ainda na fase do sobe e desce, de grande volatilidade, esperando-se para breve uma correcção.

Economistas, mas também reguladores como Carlos Tavares, da CMVM, ou Vítor Constâncio, do Banco de Portugal, têm vindo a pedir alguma moderação nos entusiasmos. Relativamente ao longo prazo, sim, há algum consenso: haverá retoma.

A diferença está entre olhar só para o curto prazo, para as últimas semanas, ou analisar esta recuperação no actual contexto de recessão económica e da estagnação prevista para 2010.

Os resultados de um inquérito da Bloomberg ontem divulgado mostram que a maioria os investidores da bolsa – consultados para o efeito – estão confiantes numa recuperação sustentada dos mercados durante os próximos seis meses.

Países como Brasil, Itália, Reino Unido, França, México, Japão e Suíça são alguns dos El Dorados anunciados no estudo. Ontem, num comunicado separado, o instituto Ifo indicou que o clima económico da zona euro melhorou pelo segundo trimestre consecutivo.

Mas há vários economistas a pôr água na fervura. Luís Mira Amaral, economista e presidente do BIC Portugal, uma instituição financeira, recorda que “nas anteriores crises também houve pára/arranca”. “É melhor irmos com calma. Não significa que a recuperação da economia está já ao virar da esquina. Penso que estamos a cerca de seis meses/um ano da verdadeira consolidação de ganhos”, insiste o economista.

Cristina Casalinho, economista-chefe do Banco BPI, sublinha



Pouca gente a negociar, devido ao período de férias, pode estar a inflacionar a subida das bolsas

CHIP EAST / REUTERS

Números

8,2%
Desde Maio, o índice S&P 500, que agrega as 500 maiores cotadas do mundo, subiu 8,2%

14 anos
Ontem, soube-se que o desemprego atingiu o nível mais alto de 14 anos no Reino Unido

30 dólares
É o valor do aumento do petróleo desde o final do ano passado. Ontem, o barril negociava nos 73 dólares

que, “desde que os mercados atingiram os mínimos registados no mês de Março, tornou-se claro em algumas semanas que dificilmente seria atingido um ponto mais baixo”.

Mas podem as bolas voltar a cair? “Nuna perspectiva a seis meses, estes ganhos deverão manter-se, Mas daqui a um ou dois meses talvez não”, afirma Casalinho. A economista-chefe aceita que “a actividade económica subjacente a estas valorizações é efectiva”. “No entanto, este processo terá certamente altos e baixos.”

Mira Amaral põe a questão noutros termos: “Já batemos no fundo, agora devemos ficar neste sobe e desce durante algum tempo. Em todo o caso, o facto de subir e descer já é um sinal de que o pior terá passado.”

Outra das dificuldades que os mercados poderão enfrentar está relacionada com a capacidade das empresas em aguentar esta subida. “Durante os piores momentos da crise, as empresas corta-

ram funcionários e stocks para o mínimo”, lembra Miguel Albuquerque, gestor de activos do Banco Carregosa. “Agora, a recuperação poderá estar em causa se as empresas não conseguirem sustentar”, acrescenta.

CORRECÇÃO IMINENTE Há dois meses, os analistas apontavam esta altura como o momento para a correcção nos mercados. Contudo, a subida prolongou-se e a correcção foi adiada. Talvez por pouco mais tempo. Para o corretor da DIF Broker, Nuno Milheiro, “o mercado terá de fazer uma correcção”, “São subidas muito elevadas. É provável que haja uma correcção a breve prazo.” Miguel Albuquerque concorda: “O mercado denota alguma exaustão. É um movimento de compra excessivo num curto espaço de tempo.”

Para Mira Amaral, um dos melhores exemplos de que os mercados financeiros poderão estar a embandeirar em arco está no petróleo. “Não há acti-

vidade que justifique as subidas que temos visto. São apenas as expectativas a operar.”

No último mês os mercados tiveram subidas fulgurantes. O motivo principal para este movimento de compra está ligado às apresentações de resultados das empresas acima das expectativas, algumas das quais acima mesmo dos mais optimistas, bem como da estabilização de indicadores macroeconómicos.

“No caso dos bancos norte-americanos, os números foram bons graças à mensagem contabilística – a alteração de regras favoreceu as contas”, atira Mira Amaral.

No caso dos indicadores macro, também há muita poeira no ar. Por exemplo, no Reino Unido, uma das maiores economias do mundo, as perspectivas continuam a ser pouco animadoras.

Em todos os países europeus, outra sombra paira: depois da recessão passar, a subida do desemprego continuará a evocá-la.